

Aspectos essenciais da vocação da mulher e questões atuais mais urgentes: interrogantes e sugestões para os Bispos

1. Problemas atuais, situação atual...

a) Grandes mudanças...

Em poucas gerações a vida das mulheres mudou muitíssimo. Todas estas mudanças, quase uma revolução, deram ocasião a confusão e desestabilização de padrões que pareciam tão fixos que alguns pensavam que estavam inscritos na natureza. Quando encontro jovens mulheres me basta colocar-lhes um fácil exemplo: pensar como viveram e cresceram tua mãe e a tua avó... e a tua bisavó tal vez. Parecem-nos pessoas de diferentes planetas.

Ou talvez posso colocar outro exemplo que fala desta mesma realidade. Meu pai vem de uma família de oito filhos, minha mãe de uma família onde eram dez filhos. Meus pais casaram e tiveram cinco filhos. Tenho vinte e três primos por parte de pai. Assim custa-me resistir à tentação de fazer hipóteses sociológicas a partir da realidade variada da minha família de origem.

Quantos descendentes nasceram até agora desta grande quantidade de primos? Do lado materno meus primos tiveram treze filhos, do lado paterno quinze. Treze filhos de vinte e três primos. Concedamos que este número pode crescer ainda porque os meus primos tem idades compreendidas entre cinquenta e vinte e cinco anos...mas chegará a vinte e três. Não há substituição de gerações. Isto não acontece em países de fortíssimo inverno demográfico, acontece em um país latino-americano, na Colômbia...

Que aconteceu?

Por outro lado e seguindo com a “amostra sociológica” de minha família, todos os de minha geração –primos e primas- tem um título profissional. Há jornalistas, engenheiros, arquitetos, artistas, músicos, desenhistas, advogados... de tudo. Entre homens e mulheres. Meus pais, meus tios e tias, não faziam distinções à na hora de oferecer uma educação aos seus filhos e filhas: para todos era um requerimento. O que é interessante porque na geração anterior todos os homens tinham títulos universitários, mas somente uma das mulheres o tinha.

Mas uma rápida olhada em volta nos leva a muitas perguntas que esta revolução tem deixado em aberto. Se diz às vezes facilmente que o “feminismo” mudou tudo. O que é o feminismo? É algo positivo? Até que ponto? Que pensa a Igreja? Que nos ensinou o Magistério?

b) *Rápida olhada ao feminismo durante o século XX*

Podemos dar uma rápida olhada... Acredito que uma chave importante é distinguir dois momentos em este “feminismo” que tanto mudou a vida das mulheres no século XX. Trata-se de uma olhada rápida e simplificada, mas nos ajuda a compreender..

Houve uma “primeira onda” do feminismo - durante os primeiros anos do século XX – que foi expandindo-se ao longo do século, primeiro na Europa, depois pelos demais continentes. Esta primeira onda procurava ante de mais nada a igualdade de direitos e deveres com os homens, participação na vida política, social, cultural em pé de igualdade. O direito ao voto foi uma das batalhas “feministas”, além do direito à educação em igualdade de condições, etc. Obviamente, há expoentes que levavam as coisas mais além, mas em geral tratava-se de procurar maior acesso das mulheres à vida social., à educação, de igualdade perante a lei.

Mas nos anos sessenta e junto com a “revolução sexual” houve uma “segunda onda” de feminismo, com fortes influências do marxismo que procurava libertar as mulheres de sua “opressão” por parte dos homens. Parte fundamental desta libertação consistia em liberá-las do rol reprodutivo que lhes tinha sido imposto pelos seus opressores, que seriam responsáveis por convencê-las que a maternidade é seu rol fundamental; o feminismo as libertará disso. Tudo isto além do mais aparecia intimamente ligado à “revolução sexual” que tanto afetou às relações entre homens e mulheres e à difusão e aceitação social de métodos anticoncepcionais. Agora que passaram quarenta – cinquenta anos de esta revolução começamos a ver as enormes conseqüências antropológicas do fato de que a mentalidade anticoncepcional seja parte da mentalidade “comum” entre nossos fieis. A fertilidade é vista como um problema, um defeito do corpo a ser prevenido controlado; a sexualidade uma simples atividade de lazer ou prazerosa, no melhor dos casos, uma transação amorosa que não requer um vínculo definitivo; os filhos são um lastro pesado demais, algo que deixar para tarde na vida. Que claro vemos agora, quarenta e cinco anos depois, que o papa Paulo VI tinha razão, que a *Humanae Vitae* foi um verdadeiro documento profético! Quanto cresceu nestes anos como ele previu a prostituição, a pornografia, a crise das famílias, a falta de compromisso e o tratar aos demais como objetos de prazer. O que dizer, além disso, do aborto... Que feridos estão nossos homens e mulheres por esta praga!

Ademais, no específico do nosso contexto latino-americano, quantas vezes não vimos também o “imperialismo demográfico” quando os métodos anticoncepcionais e abortivos são introduzidos nas nossas populações mais vulneráveis, financiados por entidades e governos internacionais para os que eliminar a pobreza passa por eliminar aos pobres.

Estão nossos agentes pastorais preparados para ensinar com a Igreja? Estamos preparados para resistir as tentativas de introduzir o aborto como direito? Sabemos apresentar de modo positivo a beleza da doutrina da Igreja? América Latina esta na mira de muitas organizações internacionais que promovem esta mentalidade, não nos iludamos... trata-se de uma verdadeira “guerra” cultural.

c) Feminismo vs. Machismo

Mas voltemos ao feminismo. Depois de esta duas “ondas” do feminismo, o certo é que o século XX mudou profundamente a vida das mulheres e em consequência as relações entre homens e mulheres

Encontramos ainda entre nós caracteres de aquele machismo que tanto marcou a cultura latino-americana e que poderíamos definir como uma “superioridade abusiva das prerrogativas masculinas que humilham a mulher e inibem o desenvolvimento de sadias relações familiares”. Tão venenoso e este como o feminismo.

Acredito que em este sentido é muito interessante notar as intuições do Documento de Aparecida, que dedica um parágrafo especial – além da dignidade e participação da mulher – à responsabilidade do varão e em particular do pai de família

No nosso tempo já tão marcado pelo feminismo muitas vezes são mais os varões que as mulheres, os que se encontram confundidos e debilitados na sua identidade. Nos EE.UU., por exemplo, nos últimos anos mais mulheres do que homens receberam títulos profissionais e mais mulheres que homens entraram nas listas dos executivos mais bem pagos das altas multinacionais...Se multiplicam os livros escritos por mães preocupadas que dizem que hoje em dia é mais difícil educar um rapaz do que uma moça, que é preciso redescobrir como ensinar a um homem a ser seguro de si mesmo . Tanto o machismo como o feminismo são daninhos para o varão e a mulher; nenhum dos dois ganha.

Outro fenômeno é o que se chama “desconfiança de gênero” para os homens que tende a procurar substituí-los mais que trabalhar em complementaridade e colaboração com eles. Uma das especialistas que consulto no meu trabalho me fala de uma verdadeira “estratégia para “substituir” aos homens, nos postos de trabalho e mesmo na criação dos filhos, já seja com outras mulheres, o estado ou uma

combinação de políticas privadas e corporativas e recursos pessoais... O declínio do matrimônio e o aumento precipitado de mães solteiras são frutos deste modo de pensar”¹

Nem machos abusivos que dominem as mulheres nem mulheres “ultra ponderadas” que depreciem e anulem os homens. Nas minhas leituras recentes achei um interessante análise do teólogo russo Pavel Evdokimov, que me parece que vai ao cerne da questão. Dizia mais ou menos que é a soberba a que arruinou nossas relações, refletindo (com modalidades diversas o varão como na mulher) aquele *não servirei* de ecos luciferinos. Tanto o machismo como o feminismo são extremos nocivos que encontrar sua explicação última na soberba, re-edição do “*sereis como deuses*” do pecado original somente a humildade nos faz recuperar o posto, restabelece a estrutura original”² Reordena as relações.

d) *A mulher de hoje...liberada?*

Esta é uma boa pergunta. De fato há de se saudar a evolução do acesso da mulher à educação, à vida pública, social, laboral. Mas, isto libertou verdadeiramente à mulher? Não se lhe pede muitas vezes por entre parêntesis sua condição feminina para poder inserir-se de modo competitivo e profissional no mundo do trabalho? Libertação da mulher ou masculinização e igualação, na que todos encaixamos no mesmo padrão? E, o que acontece com a mãe trabalhadora? Trabalho fora de casa e ocupações múltiplas na família, a fazer verdadeiramente liberada? Tem verdadeiramente liberdade de decidir, junto com seu esposo, como configurar sua família, quantos filhos querem acolher, etc? É acolhida no lugar de trabalho no seu papel de mãe? Que acontece com as famílias em que a mãe não pode estar presente? Há além disso tantas problemáticas de informalidade, subemprego...

É uma verdadeira libertação de a mulher ignorar ou passar por cima o fato do rol insubstituível que ela tem –terá, desejará ter- na família? Não se faria mais justiça à causa feminina – e no fundo um bem à sociedade – desenhando uma organização social e econômica que leve em conta a maternidade e a valorize como um recurso humano, de grandíssima riqueza social?

e) *Ideologia de genero*

¹ Helen Alvaré

² P. EVDOKIMOV, *La mujer y la salvación del mundo*, 259-260.

Outra grande área de preocupação em termos da dignidade e vocação das mulheres e a relação homem mulher é a mudança profunda e radical que se está introduzindo na nossa cultura pelo impacto da ideologia de gênero ou *gender*. Quero aproveitar aqui para chamar a atenção dos senhores bispos sobre este fenômeno que entrou com força na América Latina, encontrando portas abertas nos governos, revestida de um manto que a apresenta como tolerância e aceitação da diversidade. Governos nacionais apoiados por organizações internacionais como a ONU e a OEA, com apoio econômico de poderosos lobbys internacionais, fizeram penetrar de modo capilar esta ideologia que procura suprimir as diferenças sexuais.

Em diversas ocasiões, o santo Padre Bento XVI expressou preocupação por este fenômeno. A última delas e de grande importância é o discurso de dezembro de 2012 à cúria romana com motivo dos cumprimentos natalinos, onde apresentou o análise preocupado do grande rabino de França Gilles Bernheim, em relação à aprovação de matrimônios de casais homossexuais.

O Papa vê que em todos esses fenômenos – que os senhores acham no Brasil – “está em jogo a visão do ser mesmo, do que significa realmente ser homem” Nos explica que o *gender* é uma nova filosofia da sexualidade. Segundo esta filosofia, o sexo já não é um dado originário da natureza, que o homem deve aceitar e preencher pessoalmente de sentido, mas um rol social que se decide autonomamente... A falácia profunda de esta teoria e da revolução antropológica que está por trás dela é evidente. O homem nega ter uma natureza preconstituída por sua corporeidade, que caracterize o ser humano. Nega a própria natureza e decide que esta não lhe é dada como um fato preestabelecido, mas que é ele mesmo que a deve criar... O homem nega sua própria natureza. Agora ele é só espírito e vontade... Na atualidade, existe só o homem em abstrato, que depois escolhe para si mesmo, autonomamente, uma ou outra coisa como própria natureza. Nega-se a homens e mulheres sua exigência criacional de serem formas da pessoa humana que se integram mutuamente... Ali onde a liberdade de fazer se converte em liberdade de fazer-se a si próprio, chega-se necessariamente a negar o próprio Criador, e com isso, também o homem como criatura de Deus, como imagem de Deus, fica finalmente degradado na essência do seu ser. Na luta pela família está em jogo o homem mesmo. E se faz evidente que, quando se nega a Deus, se dissolve também a dignidade do homem. Quem defende a Deus defendendo o homem”³

Pouco resta acrescentar às palavras do Papa, que tão bem descreveu este perigo de nosso tempo. Trata-se de uma nova engenharia do ser humano que procura criar-se a si próprio segundo os desejos e pulsões de cada um. As consequências começamos a vê-las, vê-las-ão mais gravemente os que virão depois de nós. Entre tanto, o que

³ BENEDICTO XVI, *Discurso a la curia romana con ocasión de las felicitaciones de Navidad*, 21 de diciembre de 2012.

podemos fazer? Que ações pastorais pode um bispo empreender para defender o ser humano da sutil mas destrutiva ameaça desta ideologia?

f) Mulher na Igreja

Como influenciam todas estas problemáticas das que temos falado com a presença, vocação e participação da mulher na Igreja? Muitíssimo!

Como víamos nas palavras do Papa, a perda da transcendência própria de nosso tempo, a eliminação *funcional* de Deus da vida e mentalidade das pessoas tem como conseqüência a confusão do ser humano respeito a se próprio, e por demais a tendência à supressão da diferença sexual. Penso que a confusão antropológica influencia também quando se coloca o tema da “mulher na Igreja”, tema que se tornou *candente*, quando na realidade deveria ser algo tão próprio e natural. Se olharmos a historia, a mulheres encontraram-se sempre *em casa* na Igreja e tem sido parte dela de modo ativo, comprometido, entregando-se e enriquecendo-a com os próprios dons. Poderia se fazer uma verdadeira enciclopédia de mulheres na historia da Igreja.

A razão principal das dificuldades de hoje está em que, como conseqüência das fortes mudanças sociais e da confusão antropológica, é difícil compreender para a maioria dos nossos contemporâneos – e em muitos casos de nossos fieis e por vezes até bispos – as razões e motivações que a Igreja tem para seguir mantendo que a Ordenação Sacerdotal é um sacramento restrito aos varões. A muitos isto pode parecer-lhes uma discriminação sem sentido. É preciso seguir ensinando e aprofundando as razões teológicas, sacramentais e antropológicas que apóiam esta verdade de Fe. É preciso ademais aperceber-nos de que uma mentalidade que procura eliminar as diferenças ou reduzi-las a algo accidental encontrará cada vez mais difícil aceitar este tema. Estou convencida de que se trata de outra dessas áreas em que a Igreja esta chamada a ser guardiã do humano e do modo concreto com que Deus quis relacionar-se com o ser humano, falando-nos através do simbolismo nupcial e do significado do nosso ser varão ou mulher.

Trago a baila este tema porque está vivo e presente; é enorme a quantidade de mensagens e questionamentos que recebo a este respeito, a quantidade de reivindicações que encontro, a quantidade de mulheres que não compreendem este ensinamento, a quantidade de sacerdotes que pensam que se trata de ma questão de tempo...Az vezes me parece lembrar o pensamento de um antigo padre da Igreja: “A terra inteira acordou e descobriu com surpresa que tinha se tornado arriana⁴

⁴ Hier., C. Luciferanos, n.19 (ed Vallarsi II, [Ven. 1767], 191).

Parce-me não muito longe o dia em que será uma minoria a que seja capaz de sustentar com convicção a doutrina da Igreja. Acredito que devemos preparar-nos compreendendo melhor a Tradição, ajudando a dar razões do que nos ensina a fé, estudando o tema mais e melhor.

g) Alguns temas muito presentes em latino America

Na nossa realidade latino americana encontramos, além dos problemas enunciados, um tipo de feminismo que se alia com os indigenismos, um feminismo afro-americano ou um eco-feminismo que apresenta unidos temas de cuidado da terra com a maternidade e a feminilidade.

Podemos dizer que um tema comum a estas diversas expressões e associar a libertação da mulher com o tema da pobreza e a discriminação racial, cultural.

Não poucas vezes esta tingida de uma visão idealista e ideológica das culturas pré-colombinas à que se acrescenta uma rejeição do “imperialismo da cultura ocidental” onde se inclui o cristianismo e a Igreja. Já advertia o Santo Padre Bento XVI em Aparecida: “a utopia de voltar a dar vida às religiões pré-colombina, separando-as de Cristo e da Igreja, não seria um progresso, mas um retrocesso...A sabedoria dos povos originários...levou afortunadamente a formar uma síntese entre suas culturas e a Fé cristã que os missionários lhes ofereciam”

Outro dos temas particularmente presentes e que despertam preocupação entre as mulheres latino-americanas, e brasileiras em particular, é a excessiva sensualidade da cultura. A mulher de nosso tempo é mais vulnerável que antes a ser convertida em objeto de uso e exploração sexual.

A poderosa influência dos meios de comunicação, a sexualização cada vez mais precoce dos adolescentes, as rupturas familiares, a falta de uma educação adequada da criança da sexualidade...

A sensualidade no Brasil é um padrão cultural. Algumas vezes as mesmas católicas se conformam com fazer algumas coisas de modo levemente diferente do resto da sociedade, pois o que verdadeiramente escandaliza é muito pior. Como é preciso apresentar aos fiéis a beleza da pureza, a castidade, a formosura da vivência da sexualidade vivida segundo o desígnio de Deus, como caminho para o amor verdadeiro, que dá plenitude e enaltece ao ser humano!

2. A questão fundamental hoje é antropológica

Dizia Luce Irigaray, uma conhecida “feminista” que concentrou uma boa parte dos seus estudos ao tema da diferença sexual: “cada época tem uma questão que pensar. Uma só. A diferença sexual é provavelmente a do nosso tempo”⁵

Conforme passa o tempo que vou ocupando-me destes assuntos, mais me convenço também eu de que a questão fundamental hoje é uma questão antropológica. Faz um tempo me chamou a atenção como um professor de história antiga da Igreja citava a paixão e ardor com que os cristãos de Constantinopla discutiam, no mercado, a divindade do Espírito Santo nos dias em volta do Concílio que se celebrou naquela cidade ⁶.

Aqueles eram tempos em que a questão de Deus apremiava e comprometia a todos os cristãos, não só aos bispos no Concílio. Talvez algo análogo acontece no nosso tempo com as questões antropológicas...

O problema mais elementar da humanidade de hoje é o homem, ser humano, o que significa? Vale a pena ser humano? Quem sou, quem somos? Tendo perdido a Deus a humanidade perdeu-se a si mesma; a tarefa da Igreja se está convertendo mais cada vez em defender ao homem de um “extranho odio de si proprio” ⁷

Que se tem apoderado cada vez mais dele. A questão da mulher esta hoje muito ligada a esta questão mais ampla que é antropológica, porque não se entende quem é ela nem quem é o varão.

Diz um bispo italiano, que escreve interessantes análises culturais, que a grande batalha da civilização hoje não é tanto o ateísmo – o problema Deus ou não Deus – mas um mais elementar, o problema homem ou não-homem. “A Igreja hoje deve defender ao homem para defender a Deus, quando antes defendia a Deus para poder defender ao homem”

⁸ Antes o problema era como impostar a relação do homem com o sobrenatural; agora o problema é a relação do homem com o mundo animal e o mundo das coisas ⁹ O próprio Papa Bento XVI expressou em diversas oportunidades sua preocupação neste tema. Àqueles que se perguntam se a Igreja faz bem em ocupar-se de temas excessivamente “antropológicos”, podemos responder com estas palavras dele, no mês de dezembro passado: “A Igreja... encarna... a memória da humanidade...é

⁵ Citado por L. MELINA, Grammatica della differenza. La sessualità nell’orizzonte dell’amore, en: *Amare nella differenza*, 407.

⁶ GREGORIO DI NISSA, *De deitate Filii et Spiritus Sancti*, in PG, 46, 557: «se chiedi ad un cambiavalute sul denaro si mette a filosofare con te sul Generato o Ingenerato. Se chiedi al fornaio della qualità del pane ti risponderà: 'Il Padre è più grande del Figlio'. Se osservi con l'inservente che l'acqua dei bagni va bene ti dichiara che il Figlio è creato ex nihilo.»

⁷ BENEDICTO XVI, *Discurso en la inauguración de los trabajos de la Asamblea Diocesana de Roma*, 11 de junio de 2007.

⁸ I. SANNA, L’identità aperta e la persona en: ... , 39.

⁹ Cf. SANNA, 39

memória de experiências e sofrimentos da humanidade, nos que a Igreja apreendeu o que significa ser homens, experimentando seu limite e sua grandeza, suas possibilidades e limitações”. É por isso completamente apropriado que a Igreja seja para um mundo como o nosso esta memória que ajude à humanidade a manter sua identidade. Isto é um serviço da Igreja para todos, crentes e não crentes: sua defesa “com a máxima clareza” daqueles que ela tem reconhecido como “valores fundamentais, constitutivos e não negociáveis da existência humana” ¹⁰Na parte seguinte da minha intervenção, apresentarei uma rápida olhada aos documentos pontifícios recentes onde se nos ofereceram importantes reflexões das que nutrir-nos para enfrentar esta urgente e premente “questão antropológica”. João Paulo II afirmava no início da sua Carta apostólica *Mulieris dignitatem* que sua intenção ao escrevê-la era: “compreender a a razão e as conseqüências da decisão do Criador que fez com que o ser humano possa existir só como mulher ou varão”

3) Dignidade e vocação da mulher: temas fundamentais no Magistério recente.

Nos últimos anos se formou uma importante bagagem de Magistério pontifício sobre o tema da mulher. Temos alguns pronunciamentos dos pontífices antes do Concílio, por exemplo, em encontros com grupos femininos de ação católica, menções dos direitos e problemáticas próprias da mulher em alguns documentos. Depois esta a mensagem do Concílio às mulheres. A partir de João Paulo II temos documentos dedicados inteiramente à questão feminina. Três são os principais durante seu pontificado: a carta apostólica *Mulieris dignitatem* de 1988, a Carta às mulheres de 1995 e uma Carta da Congregação da Doutrina da Fé, assinada pelo Cardeal Ratzinger em 2004, sobre a colaboração de homens e mulheres na Igreja e na sociedade. Ademais temos numerosas homilias, discursos e audiências gerais onde o Papa Bento XVI retoma as questões e as atualiza.

a) interpretação dos relatos da criação do Genesis

É interessante notar que a exegese das passagens do Genesis sobre a criação do ser humano está presente nos três grandes documentos que mencionamos. Enumeremos alguns elementos claves de esta exegesis.

No primeiro relato encontramos a criação do ser humano como ápice de todo o trabalho criador, no sexto dia; se nos diz que o ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus e sexualmente diferenciado. A comum dignidade ressalta neste primeiro relato: o ser humano existe desde o principio como varão e mulher, ambos

¹⁰ BENEDETTO XVI, *Discurso a la curia romana por intercambio saludos en navidad*, 21 de diciembre de 2012

são imagem de Deus. Ambos são chamados a perpetuar o gênero humano e transformar a terra; tem uma comum responsabilidade pelo mundo.

Em um segundo relato se evidencia mais a vocação à comunhão. O relato nos apresenta a Deus que forma ao homem do pó da terra e lhe insufla o alento de vida (Gn 2, 7); fala-se de uma solidão originária do homem que Deus constata não ser “boa” para ele (Gn 2,18). Está rodeado de inúmeras criaturas, mas está sozinho (Gn 2,20). De aí a necessidade de proporcionar-lhe “uma ajuda que seja semelhante” que o homem não acha nas criaturas que tem diante de si.

Onde vai achar essa “ajuda”? O relato mostra a Deus Criador que faz cair sobre Adão um profundo sono enquanto cria a mulher: ela é uma ajuda que ele não se dá a se próprio, ela permanece para ele um mistério, lhe é dada e deve recebê-la como um dom.

A que se refere esta “ajuda semelhante”? João Paulo II ensina que não se trata tanto de uma ajuda prática, mas uma ajuda no plano do ser, de tipo ontológico. A mulher é “outro eu na comum humanidade”¹¹

Um “tu” com quem compartilhar o próprio “eu” de uma maneira que era impossível antes com as outras criaturas.

A primeira ajuda que oferece a mulher ao homem, o homem à mulher, é a de ser “pessoa humana” em plenitude de sua masculinidade ou feminilidade, permitindo a cada um descobrir sua humanidade e confirmar a plenitude do seu significado. Além disso é uma ajuda não unilateral, mas mútua recíproca¹² Tanto a feminilidade como a masculinidade expressam o humano, de modo diferente e complementar.

O livro do Genesis também nos mostra a realidade fundamental do pecado que provoca a ruptura da unidade originária: unidade de Deus, unidade interior do próprio “eu”, unidade em relação com os demais, unidade em relação com a natureza¹³ Em particular, a relação homem-mulher fica afetada pelo domínio; ao perder-se aquela igualdade fundamental que possuíam homem e mulher no estado de justiça original, é particularmente afetada a mulher: “ele te dominará” (Gn 3,16). Claro que isto também destrói a verdadeira dignidade do varão, mas é bastante forte notar como no texto bíblico se salienta a ferida mulher¹⁴

Muitos dramas vividos pelas mulheres ao longo da história e muitas das dores e feridas hoje presentes na vida das mulheres ecoam na nossa mente ao ler este texto bíblico

b) Jesús e as mulheres.

¹¹ MD, 6,

¹² Cf. JUAN PABLO II, Carta a las mujeres, 7; MD, 7.

¹³ Cf., MD, 9

¹⁴ Cf. MD, 10

Seguindo os analyses escriturísticos digamos agora uma palavra sobre o que nestes textos magisteriais se nos diz sobre Jesus e as mulheres

A atitude do Senhor Jesus mesmo para as mulheres é um ponto chave do ensinamento da Igreja sobre a dignidade da mulher; nos diz o Papa que esta atitude “ é reflexo do desígnio eterno de Deus que, ao criar a cada uma delas, a escolhe e a ama em Cristo”; com a sua atitude confirma a dignidade da mulher em quanto pessoa, “a lembra, a renova e faz dela um conteúdo do Evangelho e da redenção”¹⁵

É claro que a libertação mais importante que faz Jesus às mulheres é a libertação do próprio pecado. Nos relatos evangélicos podemos constatar como elas se sentem afirmadas na sua dignidade, conhecidas na verdade profunda do seu ser, incluída a verdade de suas feridas e pecado, mas amadas ao mesmo tempo por um amor eterno.

Ademais o Senhor fala com elas acerca das coisas de Deus – contrariamente ao costume do seu tempo – e elas lhe compreendem. João Paulo II cita os formosos diálogos de Jesus com a samaritana, com Marta de Betânia e fala de “uma autentica sintonia de mente e de coração, uma resposta de Fe”. Continua dizendo-nos: “Desde o principio da missão de Cristo, a mulher demonstra para ele e para seu mistério *uma sensibilidade especial, que corresponde a uma característica de sua feminilidade*”¹⁶

Alem disso esta o fato forte, impactante, do que acontece no momento da crucifixão (as mulheres permanecem ai) e o dia da ressurreição: sendo as primeiras em chegar ao sepulcro, são as primeiras a escutar a mensagem: “Não esta aqui, ressuscitou como o tinha anunciado” (Mt 26-8). São as primeiras em ve-lo, em abraçar-lhe os pés (cf. Mt 28,9). São igualmente as primeiras a ser chamadas a anunciar esta verdade aos apóstolos (cf. Mt 28,1-10; Lc 24, 8-11).

Trata-se então de um dado que ressalta ante que se aproxima de Jesus: Ele se relaciona com as mulheres de modo livre, aberto, acolhedor, amando-as e conhecendo-as no profundo, sarando as suas feridas, convidando-as a viverem segundo a sua dignidade de filhas de Deus, enviando-as como testemunhas, a anunciar o que tem visto e ouvido. Aquele domínio e relação conflitante podem ser, em Cristo, superados, percorrendo Seu caminho de amor sem medida, de doação aos demais até a Cruz, caminho à Verdadeira Vida pela entrega de si. Nele as diferenças podem passar de ser motivo de discórdia a ocasião preciosa de colaboração¹⁷

c) a diferença sexual homem- mulher

¹⁵ MD, 15.

¹⁶ MD, 15

¹⁷ Cf. Carta sobre la colaboración..., 12.

Que reflexões nos apresenta o Magistério sobre o porquê desta diferenciação da humanidade em homens- mulheres? De que diferença se trata (natural, cultural...)?

Uma das primeiras afirmações eu podemos tomar dos documentos é o caráter fundamental, ontológico, da diferenciação sexual: não se trata de algo puramente externo, acidental. “ A sexualidade caracteriza ao homem e à mulher não somente no nível físico mas também nos níveis psicológico e espiritual, deixando sua marca em cada uma das suas expressões”¹⁸

É importante salientar também que não é uma simples criação cultural, mas também não é simples natureza.

O cardeal Scola diz que o ser sexuado representa um desses espaços originários onde o homem e a mulher podem experimentar sua própria contingência de criaturas, sua dependência ontológica e sua capacidade de relação. O desenho original de Deus que nos fez varão e mulher pode estar relacionado, segundo ele, com a necessidade de educar-nos a compreender o que nosso próprio “eu” significa e seu “peso”, e até que ponto meu “eu” precisa de um “tu” que me ajude a completar-me a mi mesmo¹⁹

Não tanto que sejamos seres incompletos, pois cada pessoa é completa em si, mas trata-se de um sinal de que a vida humana é um convite à plenitude na comunhão, a imagem do misterio de amor que o proprio Deus.

Jão Paulo II faz uma bela descrição da relação e diferença varão- mulher:

“a masculinidade e a feminilidade... são como duas “encarnações” da mesma solidão metafísica, frente a Deus e ao mundo - como dois modos de “ser corpo” e ao mesmo tempo o homem, que se completam reciprocamente – como duas dimensões complementares da auto consciência e da autodeterminação...a feminilidade se encontra, em certo sentido, a se mesma frente à masculinidade, enquanto que a masculinidade se confirma a través da feminilidade”²⁰

São dois e isto e ainda mais claro porque a relação é assimétrica: a feminilidade se encontra perante a masculinidade (não há um momento no relato com uma mulher sem ter diante um varão), mas a masculinidade se confirma e se compreende a si mesma pela feminilidade.

¹⁸ CONGREGACIÓN PARA LA EDUCACIÓN CATÓLICA, *Orientaciones Educativas sobre el Amor Humano*, Noviembre 1, 1983, 4.

¹⁹ Cf ANGELO CARD. SCOLA, *Uomo - donna: il caso serio dell'amore*, pp. 15-17: “La natura sessuata rappresenta uno dei luoghi originari in cui l'uomo fa l'esperienza della propria contingenza creaturale ... della propria ontologica dipendenza... Il disegno originario di Dio nel farci maschi o femmine ha a che fare con l'educarci a capire il peso dell'io e il peso dell'altro.”

²⁰ JUAN PABLO II, Catequesis en la Audiencia General, 21 de noviembre de 1979.

Em esta unidade dos dois o homem e a mulher estão chamados não somente a existir “um ao lado do outro” ou “juntos”, mas “mutuamente”, “um para o outro”²¹.

Varão e mulher são um dom mutuo.

João Paulo II explica como o segundo relato da criação aparece que a mulher “é dada” pelo Criador ao homem e é “acolhida” por ele como um dom. Ao mesmo tempo, o homem acolhe à mulher, (“esta vez si que é osso dos meus ossos e carne da minha carne” Gen 2,23) com espanto e agradecimento, o que é o primeiro dom de si próprio a ela. O varão recebe algo que ele não pode dar-se a se próprio; a mulher recebe algo que ela não pode dar-se a si própria.

O misterio da feminiliade manifesta-se e se revela completamente, em toda sua profundidade, na maternidade. A maternidade marca a constituição feminina desde dentro, como uma capacidade particular do corpo feminino, que serve com especificidade criativa para a conceição e geração dos seres humanos com a colaboração do varão²²

O que é o específico do varão? A paternidade. Em um sentido, o varão apreende a paternidade da mãe: acompanhando-a a assumir sua maternidade, que para ela é algo quase natural, ele encontra sua paternidade. Maternidade a paternidade se necessitam, se completam.

Nos documentos pontificios se usa o conceito de uni-dualidade para nomear esta diferença e mutua relação entre o homem e a mulher; refere-se ao fato de que Deus confia à unidade dos dois, varão e mulher, tanto a tarefa da procriação como a da construção mesma da historia; refere-se àquela “ajuda mutua” do homeme a mulher, que pertence ao designio criador de Deus.

Varão e mulher são iguais com uma igualdade “não estatica nem uniforme” e são diferentes com uma diferença que não é “abismal e inexorávelmente conflita”; são um para o outro de maneira não igual num sentido que no outro.

d) Teologia do corpo e sponsalidade

Como sabem, João Paulo II ofereceu nas suas catequesis semanais das quartas ferias, entre setembrede 1979 e novembro de 1984, um ciclo dedicado a aprofundar a identidade e vocação do homem e da mulher e o rol do amor humano no Plano de Deus. Estes ensinamentos encontram-se refletidos em muitos documentos posteriores do Magisterio de João paulo II, entre eles os que nos ocupam.

As reflexões sobre o ser humano, o amor no plano de Deus e o significado da corporeidade humana que o Papa apresenta em essa *Teologia do corpo* tem a característica de oferecer uma visão holistica do ser humano e de mostrar que o caminho da plenitude da humanidade deve integrar harmonicamente, de acordo com o designio divino, corpo, alma e espirito. Alem do mais, com ela João Paulo II faz

²¹ Cf. MD, 7

²² Cf. JUAN PABLO II, Catequesis del 12 de marzo de 1980.

evidente que a fe cristã é uma fe *que se encarna*, longe de todo espiritualismo ou maniqueísmo, com uma visão positiva do corpo humano para a felicidade do homem.

Na cultura contemporânea o corpo é considerado como uma dimensão sub-pessoal, material sobre o qual experimentar ilimitadas possibilidades de gozo. Ao contrario, João Paulo II chamou ao corpo “sacramento primordial” ou “sacramento da pessoa”, colocando que este deve ser considerado não somente desde o exterior mas desde o seu interior, como carne viva e vivente, não só sensível mas que se sabe sensível, lugar de nossa abertura à realidade. O corpo esta marcado pela sexualidade, é vivente abertura ao corpo de outra pessoa, testemunhando o mistério de amor que é seu fundamento e seu destino, do que provem e ao qual é chamado. A esponsalidade é por isso uma característica fundamental da humanidade, inscrita na propria corporeidade. A diferença sexual indica que junto a mim e para mim existe outro modo de ser humano, inacessível a mim, mas complementar, desconhecido pela sua diferença mas por sua vez fascinante pela reciprocidade que promete. A diferença sexual é vocação ao amor, por isso o corpo é “sacramento da pessoa” sinal visível de essa vocação interior invisível²³

A sexualidade fala da vocação à doação de si no amor; doação que para que seja fecunda e plena deve fazer-se no contexto de um amor comprometido; de outra forma se usa a sexualidade em contexto de mentira. A sexualidade fala da esponsalidade que é característica essencial do ser humano, tanto que aqueles que estão chamados a vivê-la numa vocação ao matrimonio como de aqueles que vivem uma vocação de virgindade ou celibato. João Paulo II fala do celibato como de “uma doação esponsal de si com o fim de corresponder, de modo especial, ao amor esponsal do Redentor; uma doação de si entendida como renuncia mas feita antes de mais nada por amor” que não tem lugar prescindindo da masculinidade ou feminilidade da pessoa que tem sido chamada mas antes se deve realizar justamente levando-as em conta.²⁴ Com a teologia do corpo João Paulo II faz uma proposta ainda mais audaciosa aos defensores da revolução sexual: propõe a corporeidade como âmbito privilegiado de doação e de comunicação mas sublinhando que esta tem as suas leis e princípios que são intrínsecos à sua própria natureza.²⁵

Em um mundo como o nosso, invadido por visões que reduzem a sexualidade a simples objeto de prazer, ou que a exerçam sem vínculos, de maneira mentirosa, a Igreja deve oferecer à humanidade o tesouro do seu ensinamento sobre a dignidade valor da sexualidade humana no plano de Deus. Como pode um Bispo incorporar estas verdades de Fe melhor no seu ministério, na sua catequese a casais, a jovens, a todos...?

²³ Cf. para toda esta parte L. MELINA, Grammatica della differenza. La sessualità nell’orizzonte dell’amore, en: Amare nella differenza, 407-430.

²⁴ Cf. JUAN PABLO II: Catequesis del 28 de abril y del 5 de mayo de 1982.

²⁵ Cf. Paola Binetti

e) maternidade e virgindade

Uma boa parte da *Mulieris dignitatem* está dedicada a desenvolver “duas dimensões particulares da realização da personalidade feminina”, que além disso se manifestam plenamente em Maria, a Virgem Mãe: “A pessoa da Mãe de Deus ajuda a todos _ especialmente às mulheres – a vislumbrar o modo em que estas duas dimensões e estes dois caminhos da vocação da mulher, como pessoa, se explicam e se complementam reciprocamente”²⁶.

Acerca da maternidade nos diz que “ a mesma constituição física da mulher e seu organismo tem uma disposição natural para a maternidade” e lembra-nos que “mesmo que o fato de serem pais pertence aos dois, é uma realidade mais profunda na mulher...Nenhum programa de “igualdade de direitos” do homem e da mulher é válido se não leva em conta isto de modo totalmente essencial”²⁷ A maternidade leva à mulher a uma experiência profunda de aceitação e acolhida da vida; esta experiência marca todas as suas atitudes para o ser humano em geral, caracterizando toda sua personalidade. Isto ajuda-nos a compreender, além do mais, que ferida profunda na consciência e identidade de uma mulher é o aborto e quantas distorções sobre a própria identidade traz a contracepção.

Ligada à maternidade mas diferente a ela está a virgindade. Trata-se de uma das possíveis respostas à “natural disposição esponsal da personalidade feminina” que ao encontrar Cristo que a “amou até o extremo” responde “a este dom com o “dom sincero” de toda a sua vida.” A mulher que vive esta vocação vive o amor esponsal entregando-se a Cristo Esposo e ao serviço dos homens e mulheres por amor a Ele²⁸ Além disso o Papa fala da maternidade segundo o espírito que reveste múltiplas formas e que se expressa na vida das mulheres consagradas numa múltipla solicitude pelos homens. Esta entrega e serviço, tanto na atividade assistencial como educativa ou nos modos próprios da vida contemplativa, fazem parte da maternidade da mulher que nelas se desdobra e se expressa.²⁹

f) O grande mistério de Cristo e a Igreja

“por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe e unir-se-á a sua mulher, e os dois se farão uma carne. Grande mistério é este, o digo em relação a Cristo e a sua Igreja.” (Ef 5,32)

²⁶ MD, 17

²⁷ MD, 18.

²⁸ Cf. MD, 20.

²⁹ Cf. MD, 21.

São Paulo lembra-nos que a verdade sobre o homem, crido varão e mulher a imagem e semelhança de Deus como “unidade dos dois”, chamados a um amor esponsal, é uma verdade não somente no âmbito antropológico que a relaciona com o mistério de Cristo e da Igreja. Cristo é o esposo da Igreja, a Igreja é a esposa de Cristo. Quando falamos então de homem-mulher, de igual dignidade, comum humanidade mas diferença na relação, podemos também conhecer por analogia algo que é próprio do mistério da Igreja.

Por isso dizíamos que não é estranho que a confusão antropológica esteja levando a confusão também para compreender a Igreja e que, também por parte de católicos, se continue a dizer que conferir a ordenação sacerdotal a mulheres seria um sinal de “respeito” pela mulher ou algo que seria o seu “direito”. Quando na realidade seria um desconhecimento do que somos, os homens e as mulheres. Mas caminhemos passo a passo. Vejamos as idéias que esta analogia nos fornece para compreender o mistério da Igreja.

O amor de Deus pela humanidade, pelo seu povo, é expresso na Escritura em múltiplas ocasiões como o amor do homem pela mulher, do esposo pela esposa. O próprio Cristo se aplica esta comparação tomada dos profetas “Podem por ventura jejuar os convidados para as bodas enquanto o noivo esta com eles?” (Mc 2,19) Nesse sentido nos diz o Papa, “por meio da Igreja todos os seres humanos – homens e mulheres – estão chamados a ser a “Esposa” de Cristo, redentor do mundo. Deste modo “ser esposa” e , por conseguinte, o “feminino”, converte-se em símbolo de todo o “humano” segundo as palavras de Paulo: “Já não há homem nem mulher, já que todos vos sois um em Cristo Jesus” (Gál 3, 28) ³⁰ Mas o Papa nos chama a atenção acerca da seguinte idéia: “O símbolo do Esposo é de gênero masculino. Em este símbolo masculino está representado o caráter humano do amor co o qual Deus tem expressado seu amor divino a Israel, à Igreja, a todos os homens ³¹. Não é indiferente o fato de que o Filho de Deus se tenha encarnado como varão, tenha nascido de uma mulher. Todos estes são dados da Revelação, dizem algo acerca do mistério da Redenção. O Papa segue conduzindo nossa reflexão, dizendo: “No amplo transfundo do “grande mistério”, que se expressa na relação esponsal entre Cristo e a Igreja, é possível também compreender de modo adequado o fato da chamada de Deus aos “Doze”. Cristo chamando como apóstolos seus somente homens, o fez de um modo totalmente livre e soberano. ³² Não o fez condicionado pelos paradigmas culturais do seu tempo. A compreensão melhor e mais profunda das razões de esta

³⁰ MD, 25.

³¹ *Idem*

³² MD, 26

ação soberana de Cristo passa por uma compreensão do significado da esponsalidade inscrita na antropologia. O Papa João Paulo oferece-nos algumas claves ao respeito nos parágrafos sucessivos:

“Se Cristo ao instituir a Eucaristia, a uniu de uma maneira tão explícita ao serviço sacerdotal dos apóstolos, é lícito pensar que deste modo desejava expressar a relação ente o homem e a mulher, entre o que é “feminino” e o que é “masculino”, querida por Deus, tanto no mistério da criação como no da redenção.”³³.

De aqui podemos destacar uma idéia: há um rol próprio do masculino e do feminino no âmbito da redenção. Todos estão chamados à vida eterna, em Cristo já não há varão nem mulher. Mas isto não significa que nosso ser varão ou mulher seja indiferente ao mistério da nossa redenção; significa alguma coisa. Continua dizendo o Papa:

“Antes de mais nada na Eucaristia se expressa de modo sacramental o ato redentor de Cristo Esposo em relação com a Igreja Esposa”³⁴

O fato de que ao dar-nos a vida eterna na Eucaristia Cristo Esposo se entrega de novo pela Igreja sua Esposa é expressão, de modo transparente e unívoco, nos diz o Papa, pela masculinidade do sacerdote que atualiza o sacrifício “in persona Christi” Trata-se de verdades importantes, profundas; não devemos renunciar a explicá-las aos nossos fieis, a dá-las a conhecer, a incluí-las na nossa catequese.

Acrescentemos, seguindo sempre estes parágrafos formosos da MD, uma palavras acerca das dimensões mariana e petrina, ambas necessárias para compreender o grande mistério da Igreja. O Papa usa esta expressão de Von Balthasar (único teólogo de século XX citado na MD) para ajudar-nos a evitar reduzir a Igreja a sua estrutura “hierárquica” que, se bem é fundamental, esta ordenada totalmente à santidade dos membros do Corpo místico de Cristo”. Nesta hierarquia da santidade, é “a mulher” Maria de Nazaré, quem “precede a todos no caminho da santidade; na sua pessoa a “Igreja atingiu já a perfeição com a que existe imaculada e sem mancha”. Neste sentido pode-se dizer que a Igreja é *ao mesmo tempo*, “mariana” e “apostólico-petrina”³⁵A nos cabe a tarefa de compreender e promover estas dimensões do mistério da Igreja para ensiná-las aos fieis

g) o gênio da mulher

Como ultimo tema presente nos documentos pontifícios permitam-me introduzir o que é conhecido como “gênio feminino”. Trata-se de uma expressão que aparece ao final da MD e volta a apresentar-se na Carta às mulheres e ajuda ao Papa a expressar

³³ *Idem*

³⁴ *Idem*.

³⁵ MD, 27

o específico feminino que ele quer convidar a acolher e valorizar. Um dado interessante: este “gênio da mulher” aparece sempre, nos documentos papais, ligado a Maria, a Virgem Mãe, ou a exemplos e modelos de mulheres santas.

Para expressar sinteticamente o que é este “gênio” da mulher podemos citar esta frase da *Carta às mulheres*: Trata-se “daquela imensa disponibilidade das mulheres para doar-se nas relações humanas”, (*Carta*, n. 9) dimensão que não é alheia à vida dos varões, mas é parte importante da particularidade da mulher. Esta expressão serve para referir-se à contribuição que as mulheres, *em quanto* mulheres, dão ou podem dar à sociedade, com o fim de chamar a uma maior contribuição de esta riqueza feminina nos diversos âmbitos.

Gostaria chamar a atenção sobre a frase onde João Paulo II aprofunda neste gênio feminino:

“A força moral da mulher, sua força espiritual, une-se à consciência de que *Deus lhe confia de modo especial o homem*, quer dizer, o ser humano. Naturalmente, cada homem é confiado por Deus a todos e cada um. Porém, esta entrega se refere especialmente à mulher – especialmente em razão da sua feminilidade – e isso decide principalmente sua vocação”³⁶

Trata-se de uma frase de indubitável profundidade porque fala do rol específico que podem ter as mulheres num mundo onde, perdida a referência a Deus, o homem perdeu-se também a si próprio. Talvez uma das chaves para que a Igreja contribua a oferecer luzes na presente crise antropológica esteja em aliar-se com mulheres que vivam esta paixão pelo humano e busquem modos de salvaguardá-lo.

4) Não tenham medo a uma verdadeira relação com as mulheres

Fizemos um rápido olhar a alguns problemas atuais na vida das mulheres, um resumo dos grandes temas presentes no Magistério recente. Faz alguns anos chamou-me a atenção ler como o Beato João XXIII, nas páginas do seu “Diário da alma” nas que lembrava seis anos de seminário em Bergamo, lembrava a atitude que lhe foi ensinada perante as mulheres: “em relação às mulheres e tudo o relacionado com elas, nem uma palavra, nunca; é como se não existissem mulheres no mundo...”³⁷ Interessante, fala de prudência e distância que serão sempre necessárias guardas de uma vocação celibatária. Mas duvido muito que um conselho assim seja suficiente hoje para nossos seminaristas, pois pelas mudanças que temos falado elas vão encontrar mulheres, ativas e presentes, no seu ministério. Tal vez de um modo que não aconteceu ao

³⁶ MD, 30

³⁷ Juan XXIII, *Diario de un alma*, 271-72? Lo escribe en torno a 1948

seminarista Angelo Giuseppe nos começos do século XX..O que fazer? Como educar? Uma leitura interessante pode ser a carta de João Paulo II aos sacerdotes com ocasião da quinta feira santa de 1995...

Estou convencida de que seus corações de Pastores e padres sabem bem como fazer. Permitam-me simplesmente acrescentar que pode ser bom ensinar a beleza de aquele desígnio de Deus que nos quis assim, varões e mulheres. Ajudar a descobrir que podemos enriquecer-nos muito uns dos outros; podemos apreender muito uns dos outros. Ensinar a não ter medo da diferença; as mulheres por vezes podemos parecer criaturas estranhas, mas temos em comum a humanidade, vibramos pelo meso Senhor, amamos a mesma Igreja e queremos entregar-nos por ela. Às vezes reagimos de modo que surpreendemos aos varões (também nós nos surpreendemos de certas reações masculinas) mas essa é a “outridade” que nos ajuda a lembrar que nenhum de nós se basta se próprio...

Acredito que os Pastores, perante a profunda crise antropológica de nosso tempo, tem a grave e importante tarefa de ajudar à humanidade a não perder-se, a coservar “a memória de se própria” como dizia o Papa. Penso que nesta tarefa podem achar nas mulheres apaixonadas aliadas, que podem levar para frente projetos, perceber intuições...

Ajudar às mulheres a encontrar a beleza do seu chamado a ser imagens de Deus como mulheres, como mães, como irmão, como filas.

Ajudar a nossa sociedade a não esquecer os “valores não negociáveis”. Defender sempre a vida, o matrimonio, a família, a liberdade de educação.

Ajudar a ler nosso tempo, a interpretar o que acontece; formar nossos fieis em atitudes criticas, dar ferramentas para juízo e ação. Falar, ensinar, admoestar.

Não ter medo de confiar responsabilidades às mulheres imbuídas do espírito do Evangelho; escolher santos e sábios sacerdotes para que as acompanhem espiritualmente.

Evdomikov tinha no livro já citado uma frase que me impressionou muito: “o fato de que Deus seja gerado por uma criatura nos mostra o poder que tem toda mulher, sempre que seja verdadeiramente “nova criatura” para gerar Deus nas almas devastadas...A mulher possui primordialmente este carisma maternal de gerar Cristo na alma dos homens.”³⁸

Assim foi pelos séculos da historia da Igreja! Disso dá testemunho nossa historia, em qualquer século que estudemos e também a historia da Igreja na nossa terra latino-

³⁸ P. EVDOKIMOV, *cit.*, 240.

americana. Acredito que muitíssimo mais se poderia, se deveria fazer, para dar a conhecer o gênio feminino latino americano, quer dizer nossas santas.

Conhecer mais, estudar, promover, por exemplo, o rol que as mulheres religiosas tiveram na educação e que foi muito importante na primeira evangelização de nossas terras. A Igreja latino-americana deve muito à santidade e à ação caritativa e formativa feminina: isto deveria ser mais conhecido.

Promover a visão da Igreja: a riqueza e beleza da recíproca complementaridade homem – mulher, resposta ao machismo, à ideologia de gênero, à sensualização das relações; contribuir a nossa sociedade seguindo esta reflexão, contribuindo a ela desde nossa realidade. Sejam memória da humanidade, sejam testemunhas da formosa vocação à que Deus nos chamou a cada um e ajudemos a que mais homens e mulheres os vivam

Ana Cristina Villa B

Pontifício Conselho para s Leigos